

Soluções para o Centro Histórico

Economia sustentável e inclusiva ajudará a valorizar ainda mais a região

Carolina Cerqueira*

REPORTAGEM
carolina.cerqueira@redebahia.com.br

O primeiro debate virtual da série “Patrimônio Bahia: Centro Histórico em Ação – Diálogos” colocou em pauta, ontem, o mercado informal e seus impactos no Centro Histórico de Salvador. A ideia é desenvolver o turismo e a economia criativa da cidade, de maneira sustentável, incluindo os trabalhadores informais. Com mediação da jornalista Doris Pinheiro, o evento foi realizado pelo Instituto Antonio Carlos Magalhães e pela Associação dos Empreendedores do Centro Histórico (Ache).

A economista e doutora em Administração, Elisabeth Lóiola, pontuou que as desigualdades são uma barreira ao desenvolvimento da cidade. De acordo com as pesquisas nas quais esteve envolvida para a elaboração do Plano Salvador 500, que orienta o desenvolvimento de Salvador até 2049, 50% da população economicamente ativa de Salvador, em 2019, era de trabalhadores sem cobertura da seguridade social, que faziam parte da chamada economia dos setores populares, e de desempregados.

Elisabeth também destacou o impacto que a pandemia vem gerando sobre esse cenário coletiva e individualmente, o que amplia os desa-

vios a serem enfrentados. “A pandemia atingiu a todos, mas, como sempre, de forma assimétrica, sendo mais letal para os pobres.”

Segundo a professora, é fundamental dar atenção para o fato de que a maioria da população da cidade é composta por pessoas negras subordinadas à vulnerabilidade social e lembrar que “Salvador também é reconhecida pelo rico patrimônio humano e cultural, como a capital das múltiplas identidades”, destacou. A partir do diagnóstico realizado, a proposta é utilizar o turismo e a economia criativa como setores estratégicos para o desenvolvimento da cidade, de maneira inclusiva e sustentável, promovendo impactos também nas áreas da produção cultural e da educação.

O cientista social e empreendedor do Centro Histórico, Leonardo Régis, levou um olhar sociológico para o debate, levantando as principais angústias dos empreendedores do local. Segundo Leonardo, os dois grandes desafios são: fazer com que os soteropolitanos frequentem o Centro Histórico e garantir a segurança pública. “Nós temos um centro de cultura dentro da cidade que muitos soteropolitanos não frequentam, que não faz parte do dia a dia das pessoas”, afirmou.

Para Régis, a falta de segurança se reflete nos horários de funcionamento limitados dos estabelecimentos, o que enfraquece a visão do Centro



Segundo especialistas e empreendedores locais, os trabalhadores informais devem ser treinados

Participaram do evento representantes da Semop, Ache e especialistas em economia



É um patrimônio que precisa ser explorado da melhor maneira. As pousadas mais charmosas, a gastronomia e o artesanato estão lá. Os informais precisam ser abraçados
Leonardo Régis
Cientista social e empreendedor

Histórico como um local de oportunidades econômicas e culturais. “Os estabelecimentos, mesmo antes da pandemia, funcionavam das 9h às 17h, enquanto outros locais sempre funcionaram até tarde da noite. E a polícia muitas vezes está secando gelo no Centro Histórico. Há um interesse dos trabalhadores da segurança de melhorar o cenário, mas isso não cabe a um determinado órgão, vai caber a todos nós. A situação é muito difícil e o momento pede união”, completou.

A proposta é que o local seja valorizado pela gestão pública e que o comércio informal não seja excluído, mas sim incor-

porado às potencialidades lá existentes. “É um patrimônio que precisa ser explorado da melhor maneira possível. Os hotéis referenciados, as pousadas mais charmosas da cidade, a gastronomia e o artesanato da nossa região estão lá, e o comércio informal precisa ser abraçado, apoiado e organizado. Esses comerciantes informais que, às vezes, a gente percebe que até assustam e afastam o turista, estão lá para levar o pão de cada dia, para serem incluídos e terem representatividade”, opinou.

O mestre em economia e doutor em políticas sociais e cidadania, Gabriel Krachete, lembrou que o comerciante informal não se reduz ao vendedor ambulante e apresentou o perfil das pessoas que compõem esse setor. “A maioria é de pessoas acima dos 30 anos, fazendo um trabalho permanente, com baixo grau de escolaridade, chefes de família, e cerca de 85% delas não contribui para a previdência social.”

*COM ORIENTAÇÃO DA CHEFE DE REPORTAGEM PERLA RIBEIRO

Comerciantes informais serão legalizados

A secretária municipal de Ordem Pública (Semop), Marise Chastinet, que também participou do debate, disse que há um projeto em andamento, em parceria com a Secretaria de Turismo (Secult), que prevê a melhoria do turismo na cidade, a partir da legalização dos comerciantes informais.

“Nós vamos identificar, treinar, fardar, formalizar e licenciar esses trabalhadores. O turista precisa identificar os comerciantes, que precisam saber a melhor maneira de abordar esse

possível cliente. Isso é essencial”, falou a secretária.

A gestora ainda anunciou que um levantamento feito este ano identificou 119 comerciantes informais no Centro Histórico, número que representa uma queda significativa para a economia. “Antes da pandemia existiam 339. A pandemia afetou muito esse comércio, que sofreu uma grande redução, acompanhando a redução do turismo na cidade”, informou Marise.

O “Patrimônio Bahia” é um programa de ações de-

envolvido pelo Instituto ACM, com foco na valorização do patrimônio material e imaterial da Bahia. Sua proposta é debater e discutir temas que possam sugerir melhorias para o Centro Histórico, além de apresentar o acervo cultural, religioso e gastronômico existente.

Em maio de 2014, a Prefeitura lançou o Plano Salvador 500, que é um instrumento público de planejamento da capital baiana para os próximos 30 anos. Foi batizado assim porque a sua execução vai coincidir com o

aniversário de 500 anos da primeira capital do Brasil, em 2049.

O Plano voltou à cena em 2019 e surge com o compromisso de resgatar o planejamento de longo prazo e orientar o desenvolvimento de Salvador para uma visão de futuro que não seja a mera reprodução de tendências, mas a projeção de um cenário mais promissor, construído com a participação de toda a sociedade, no qual as desigualdades sejam gradualmente reduzidas e superadas.

119
comerciantes informais foram identificados pela Prefeitura no Centro Histórico, em levantamento deste ano

339
trabalhavam na região antes da pandemia